

OLHAR PARA OS PROFESSORES DE FLAUTA DOCE QUE FIZERAM PARTE DA MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: REFLETINDO SOBRE REPERTÓRIOS DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Ana Paula Peters¹
UNESPAR, Campus de Curitiba I, EMBAP
anapaula.peters@gmail.com

Com mais de vinte e cinco anos ensinado flauta doce, e atualmente com pesquisas voltadas para o ensino da música popular brasileira, aproveito este momento para refletir sobre os professores e professoras de flauta doce que marcaram minha trajetória pessoal e profissional. Seria preciso um livro com muitas páginas ou rodadas de conversa, além destes breves minutos que disponho na participação desta mesa redonda chamada de “A prática de música popular com flauta doce”, ao lado da Ângela Deeke Sasse, da Maria Cecília de Arraújo Torres e da Anete Susana Weichselbaum (moderadora), para esta reflexão.

O simples fato de reavivar estas memórias desvanecidas, primeiramente pela fala e agora, escrevendo, traz grandes emoções, pela distância do tempo, colocando-me numa posição de agradecimento por tantas contribuições de cada professor e professora que pude conhecer, conviver, aprender, imitar e me construir como a professora que sou hoje. Tal *flashback* evoca as aulas de música na *La Renaissance*, com o professor Marcos Panasco, que certo dia me convidou para substituí-lo; o encontro inusitado com a flautista Elisabeth Seraphim Prosser após um concerto que fez com um violonista e compositor muito amigo do meu pai, o Jaime Zenamon, que logo acertaram minhas aulas de flauta; minha formação musical na Belas Artes com as professoras Léa Ligia Soares e Rose Mari B. Moinhos Annes e os professores Hércio Müeller e Plínio Silva; as oficinas e cursos de música em Curitiba, Londrina, Niterói com Helder Parente, Bernardo de Toledo Piza, Flávio Stein, Ricardo Kanji. Jean-Christophe Frisch, Pierre Hamon, Hugo Reyne... Entretanto, neste breve momento que tenho, vou me limitar aos professores Plínio Silva, que está conosco participando deste V Simpósio de Flauta Doce, e Helder Parente.

Ao lembrar do Helder Parente, logo penso em música antiga e contemporânea para flauta doce, dança antiga e escadarias do Solar do Barão, em Curitiba. Considerado, por mim e, pelo meio musical e acadêmico como um dos principais flautistas da música antiga no Brasil, foi integrante do **Quadro Cervantes, um dos mais importantes grupos de música antiga do**

¹ Colegiado de Licenciatura em Música e PPGMúsica UNESPAR.

nosso país. Para ele, assim como para Carl Orff, mais que manuais, métodos e guias, é imprescindível e insubstituível a experiência direta para sermos professores. Assim, “quanto mais você souber, melhor, e então você vai ficar dependendo do seu bom senso e das suas capacidades, do interesse do grupo, pra ver e decidir o que você vai fazer em termos de atividade” (OLIVEIRA FILHO; PAULO, 2000, p. 37).

Tantos nas suas aulas e cursos como nos repertórios que o Quadro Cervantes gravou, sua marca ficou em mim. Com um repertório desde a música medieval dos séculos XII e XIII até modinhas brasileiras, as músicas que aprendi e ouvi com ele fazem parte da professora que sou hoje, com uma escuta aberta e ampliada a diferentes tempos e culturas. Fazer o curso de dança antiga, refletindo sobre a presença da música tocada ao vivo para ser dançada, conduziu a questões importantes para minhas pesquisas sobre o choro, este gênero musical que encontra-se na formação da música popular urbana brasileira, refletindo a diversidade cultural, étnica e socioeconômica das cidades, onde os gêneros musicais europeus da moda estavam presentes. As principais danças de salão do século XIX, como a valsa, a mazurca, a polca, o scottisch, a contradança entre outras, foram adotadas em todas as cidades, pequenas e grandes, passando, com o tempo, pelo processo de transformação em gêneros locais e nacionais. Adaptações locais de danças europeias também foram feitas, particularmente da polca, que tornou-se a base da maioria das músicas populares, originando novos gêneros como o tango brasileiro, o maxixe e o choro.

Também ligado à música antiga, Plínio Silva fez parte do Conjunto Renascentista de Curitiba e fundou o Centro de Música Antiga de Curitiba, no Solar do Barão, mantidos pela Fundação Cultural de Curitiba até 1986. Participou de várias gravações com seus grupos, e, durante o lançamento do cd gravado ao vivo “Holland tour - Studium Musicae”, no qual estive em 1994, no Teatro Paiol, novamente fui tocada pelas músicas antiga e brasileira, ao entrelaçarem numa só interpretação as músicas Kalenda Maia e Asa Branca. Neste mesmo ano, fundou o grupo “Terra Sonora”, a partir da pesquisa, prática e estudo do patrimônio cultural imaterial da humanidade para encontrar sonoridades ainda pouco exploradas. Deste modo, direcionou seu trabalho para o levantamento, transcrições e arranjos de temas étnicos e tradicionais provenientes de todos os continentes.

Entre seus trabalhos que estabeleço uma relação com minha trajetória profissional, está o “Projeto Música dos Povos – Caderno de partituras” acompanhado por dois cds, que idealizou com a cantora Liane Guariente, contemplando a música tradicional de cinco continentes e com o objetivo de compartilhar suas experiências e conhecimento. Convida-nos a entrar em contato com essas partituras para amplificarmos esses temas com nossa própria voz instrumental. Entre

as preocupações deste trabalho estão a contextualização não só musical, mas também histórica e geográfica desses temas.

Ao parar neste momento para recuperar estas lembranças, percebo o quanto tenho de cada um dos meus professores na professora e flautista que me tornei, na construção das aulas e pesquisas que desenvolvo. Com o olhar e escuta voltados para a experiência de ensino da música em diferentes ambientes, organizando situações de aprendizagem musical que tenham sentido para os alunos e alunas e na relação afetiva com eles e com o conhecimento, apresento este vasto repertório musical que vivenciei a partir da música antiga e brasileira. Assim, sigo olhando para todos os meus alunos a minha frente, com a certeza de estar com todos os meus professores nestas lembranças e aprendizados, que vieram antes de mim, abrindo caminhos, oportunidades e repertórios.

E o que falar sobre as pessoas que fizeram cursos e oficinas de música comigo e com quem pude tocar flauta doce e fazer música antiga e brasileira? Ah... vamos precisar de mais uma mesa redonda e muitas conversas! Quem sabe no próximo Simpósio de Flauta Doce?

Referências bibliográficas:

OLIVEIRA FILHO, Jorge C.; PAULO, Sarah Ruth de O. **Educação Musical através do Canto Coral a partir de Princípios de Carl Orff**. Monografia em Licenciatura em Educação Artística/Música. Instituto Villa-Lobos, Universidade do Rio de Janeiro, 2000.

PETERS, Ana Paula. **De ouvido no rádio: os programas de auditório e o choro em Curitiba**. Dissertação em Sociologia. Orientadora: Ana Luisa Fayet Sallas. Curitiba: UFPR, 2005.

_____. **A Prática da Música Renascentista para Pequenos Grupos de Flauta Doce**. In: I Simpósio Acadêmico de Flauta doce da Embap, 2 a 4 de dezembro de 2008, Curitiba. *Anais...* Curitiba: EMBAP, 2008.

_____. **Música popular brasileira e o ensino de flauta doce**. In: II Simpósio Acadêmico de Flauta doce da Embap, 19 e 20 de setembro de 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba: EMBAP, 2013.

_____. **Nas trilhas do choro**. Curitiba: Máquina de escrever, 2016.

SILVA, Plínio; GUARIENTE, Liane. **Projeto música dos povos: caderno de partituras**. Rio de Janeiro: Otto Produções Artísticas, 2018.

Cds:

Quadro Cervantes: Brasil 500 anos (2000), com obras do Cancioneiro Martin Codax, de Portugal, século XIII, Cancioneiro de Hortensia e autores ibéricos do século XVI, obras sacras portuguesas e brasileiras do século XVII, modinhas e lundus brasileiros dos séculos XVIII a XX.

Holland tour - Studium Musicae (1994), com um repertório que mesclava temas medievais europeus com a música tradicional do cancioneiro nordestino brasileiro.